

o GRANDE GATSBY



F. SCOTT
FITZGERALD

Ilustrações de Amanda Carla
Tradução de Cristina Cupertino

TORDSILHAS
FABULOUS CLASSICS

Rio de Janeiro, 2024

SUMÁRIO

Prefácio, VIII

Por que ler este clássico?, XIV

Capítulo 1, 3

Capítulo 2, 29

Capítulo 3, 42

Capítulo 4, 73

Capítulo 5, 97

Capítulo 6, 119

Capítulo 7, 139

Capítulo 8, 181

Capítulo 9, 201

Quando *eu* era jovem e mais vulnerável,

por Alex Gilvarry, 224

Sobre o autor, 234

Cartas ao editor, 236

Cronologia, 261



AMOS STRATA

Quando eu era jovem e mais vulnerável, meu pai me deu um conselho que desde então tenho revirado na mente:

– Sempre que sentir vontade de criticar alguém – disse ele –, lembre-se apenas de que neste mundo nem todos tiveram as vantagens que você tem.

Ele não disse mais nada, mas, mesmo com toda a nossa reserva, sempre fomos bastante comunicativos, e entendi que ele estava querendo dizer muito mais que aquilo. Isso me fez ponderar todos os julgamentos, um hábito que levou inúmeras naturezas curiosas a se abrirem comigo e também me tornou vítima de muitos meritos na prática da chatice. A mente anormal detecta rapidamente esse atributo e a ele se apega quando o percebe em uma pessoa normal e com isso aconteceu de na faculdade me acusarem injustamente de ser político, porque eu era cúmplice das mágoas secretas de homens esquivos, desconhecidos. Na maioria dos casos eu nada havia feito para estimular as confidências – frequentemente fingia preocupação, preocupação ou um desprezo hostil quando percebia, por algum sinal equívoco, que uma revelação íntima estava se movendo no horizonte; pois as revelações íntimas dos homens jovens, ou pelo menos os termos em que eles as expressam, costumam ser plágios ou então são desfiguradas por óbvias omissões. Ponderar os julgamentos é questão de esperança infinita. Ainda tenho certo temor de cometer um erro se esquecer que, como meu pai afirmava pretensiosamente e eu pretensiosamente repito, a noção das regras básicas do decoro é distribuída de modo desigual no nascimento.

E, depois de assim me vangloriar da minha tolerância, preciso admitir que ela tem um limite. A base da conduta pode ser a rocha dura ou os pântanos úmidos, mas depois de certo ponto isso já não me importa. Quando voltei do Leste, no outono passado, percebi em mim um desejo de que o mundo fosse uniforme e estivesse para sempre em uma espécie de alerta moral; não queria mais excursões turbulentas com vislumbres privilegiados das profundezas do coração humano. Somente Gatsby, o homem que dá nome a este livro, ficou isento da minha reação – Gatsby, que representava tudo aquilo pelo qual tenho um autêntico desejo. Se a personalidade é uma série contínua de gestos bem se medidos, havia nele algo muito bonito, uma elevada sensibilidade para as promessas da vida, como se ele fosse aparentado com uma dessas máquinas intrincadas que registram terremotos a quinze mil quilômetros de distância. Essa presciência não tinha nenhuma relação com a débil impressionabilidade que o termo “temperamento criativo” designa – era um talento extraordinário para a esperança, uma propensão para o romance que nunca encontrei em outra pessoa e provavelmente não voltarei a encontrar. Não; Gatsby se revelou correto no final. Foi o mergulho de rapinador sobre Gatsby, aquela poeira imunda que fluiu no rastro dos seus sonhos, que afastou por uns tempos o interesse que me despertavam as vãs tristezas dos homens e suas efêmeras alegrias.



Minha família tinha sido proeminente, gente próspera, por três gerações, desta cidade do Meio-Oeste. Os Carraway são uma espécie de clã, e temos uma tradição de descender dos duques de Buccleuch, mas o verdadeiro fundador da minha linhagem foi o irmão do meu avô, que veio

para cá em 1851, mandou para a Guerra Civil um substituto e começou o negócio de venda de ferragens por atacado de que meu pai se ocupa.

Nunca vi esse tio-avô, mas acham que eu me pareço com ele – com especial referência ao retrato pintado dependurado no escritório do meu pai, que mostra um tipo durão. Concluí meu curso em New Haven em 1915, quando se completava um quarto de século da formatura do meu pai, e pouco depois participei da protelada migração teutônica conhecida como Grande Guerra. O contra-ataque de surpresa me agradou tanto que ao voltar para casa me senti inquieto. Em vez de estar no centro caloroso do universo, o Meio-Oeste agora me parecia a sua borda esfarapada. Assim, resolvi ir para o Leste e aprender o negócio de títulos. Todo mundo que eu conhecia estava no negócio de títulos, o que me fez acreditar que ele comportaria mais um. Meus tios e tias falavam muito sobre isso, como se estivessem escolhendo o colégio onde eu me prepararia para a universidade, e finalmente disseram: “Ah, sim, sim”, com uma expressão muito grave e hercúlea. Meu pai concordou em me sustentar durante um ano e depois de vários adiamentos fui para o Leste, permanentemente estabelecido, na primavera de 1922.

A solução mais prática seria alugar um quarto na cidade, mas estávamos em uma estação quente, e eu havia acabado de deixar uma casa do interior com os gramados e árvores amigáveis, então, quando um jovem do escritório sugeriu que alugássemos juntos uma casa em uma cidade-dormitório, a ideia me pareceu ótima. Ele encontrou a casa, uma cabana frágil e desgastada pelas intempéries que custaria oitenta dólares por mês, mas no último minuto a empresa o mandou para Washington, e eu me mudei sozinho para a casa. Tinha comigo um cachorro – pelo menos o tive por alguns dias, até ele fugir –, um Dodge velho, e uma finlandesa que arrumava minha cama, me preparava o café da manhã e resmungava sabedoria finlandesa para si mesma diante do fogão elétrico.

Durante um dia ou pouco mais que isso me senti solitário, mas uma manhã um homem que havia chegado depois de mim me parou na estrada.

– Como é que eu vou para West Egg? – indagou ele desamparado.

Eu lhe disse. E, ao prosseguir no meu caminho, já não estava sozinho. Eu era um guia, um descobridor de rotas, um colonizador que chegara antes. Sem querer, ele me havia conferido a liberdade de circular pelo lugar.

E então, com a luz do sol e as magníficas explosões de folhas que crescem nas árvores do mesmo modo como as coisas crescem nos filmes projetados em câmera acelerada, tive aquela conhecida convicção de que a vida estava começando novamente com o verão.

Em primeiro lugar, havia muita coisa para ler e muita saúde a ganhar com o ar novo que eu respirava. Comprei uma dezena de livros sobre bancos, crédito e títulos de investimento, e eles ficaram na prateleira, com suas capas vermelhas e douradas como o dinheiro novo saído da casa da moeda, prometendo desvelar os brilhantes segredos que somente Midas, Morgan e Mellon conheciam. E, aliás, eu tinha a firme intenção de ler muitos outros livros. Na faculdade eu era até certo ponto um homem das letras – houve um ano em que escrevi uma série de editoriais muito solenes e óbvios para o *Yale News* –, e agora ia trazer de volta para a minha vida todas aquelas coisas e me tornar novamente o mais limitado de todos os especialistas, o “homem ilustrado”. Isso não é apenas um epigrama – afinal de contas, de uma única janela vemos muito melhor a vida.

Por circunstâncias fortuitas, aluguei uma casa em uma das comunidades mais estranhas da América do Norte. Ficava naquela ilha estreita e luxuriante que se estende a leste de Nova York e onde, entre outras curiosidades naturais, há duas formações de terra incomuns. A trinta

quilômetros da cidade, um par de enormes ovos, de contorno idêntico e separados apenas por uma baía que está ali por cortesia, se projeta dentro do mais domesticado corpo de água salgada do hemisfério ocidental, o magnífico curral aquático do estreito de Long Island. Não são ovos perfeitos – como no ovo da história de Colombo, a extremidade de contato de ambos é chata –, mas sua semelhança física deve ser uma fonte de eterna admiração para as gaivotas que voam sobre eles. Para os que não têm asas, um fenômeno mais interessante é a sua dessemelhança em todos os detalhes que não a forma e o tamanho.

Morei em West Egg, o... bem, o menos elegante dos dois, embora esse seja um rótulo muito superficial para expressar o contraste bizarro e não pouco sinistro que há entre eles. Minha casa ficava na extremidade do ovo, a cerca de cinquenta metros do estreito e espremida entre duas residências enormes, alugadas por vinte e trinta mil por toda a estação. A que ficava à minha direita era, por qualquer critério que a considerássemos, uma coisa colossal – uma imitação cabal de algum Hôtel de Ville da Normandia, com uma torre de um lado, novíssima sob a fina barba de hera tosca, com uma piscina de um acre e mais de quarenta acres de gramado e jardim. Era a casa de Gatsby. Ou melhor, como eu não conhecia o sr. Gatsby, era uma mansão habitada por um cavalheiro com esse nome. Minha casa era uma monstruosidade, mas uma monstruosidade pequena e construída num plano elevado, e assim eu tinha uma vista do mar, uma vista parcial do gramado do meu vizinho e a confortadora proximidade de milionários – tudo isso por oitenta dólares mensais.

Do outro lado da baía de cortesia, os palácios brancos do elegante East Egg cintilavam ao longo da água, e a história do verão começa de fato na noite em que fui de carro até lá para jantar com os Tom Buchanan. Daisy era uma prima minha em segundo grau que a certa altura da vida se afastara, e quanto a Tom, tínhamos nos conhecido na faculdade. Logo depois da guerra eu havia passado dois dias com eles em Chicago.



O marido dela, entre várias façanhas físicas, tinha sido um dos melhores pontas do futebol americano de New Haven – era de certo modo uma figura nacional, um desses homens que aos vinte e um anos atingem uma excelência tão absoluta num campo restrito que tudo o que lhes acontece depois parece um anticlímax. Vinha de uma família absurdamente rica – até na faculdade sua liberalidade com o dinheiro era censurada –, mas agora eles tinham saído de Chicago, e a vinda para o Leste acontecera de um modo que deixou quase sem fôlego as pessoas: por exemplo, ele trouxe de Lake Forest uma quantidade de pôneis para o jogo de polo. Era difícil acreditar que um homem da minha geração fosse rico o suficiente para fazer isso.

Não sei por que o casal veio para o Leste. Eles tinham passado um ano na França, sem nenhuma razão especial, e depois vagaram de um lugar para outro, inquietos, parando onde quer que as pessoas jogassem polo e fossem ricas como eles. Agora era uma mudança permanente, disse Daisy ao telefone, mas eu não acredito – embora não soubesse o que se passava no coração dela, eu sentia que não continuaria vagando para sempre, buscando um tanto de sentido em meio a turbulência dramática de algum jogo de futebol irreparável.

E assim, em um entardecer quente e batido de vento, fui de carro até East Egg para ver dois velhos amigos que eu mal conhecia. A casa deles era ainda mais refinada do que eu imaginara, uma alegre mansão vermelha e branca em estilo colonial georgiano, com vista para a baía. O gramado começava na praia e percorria quatrocentos metros até a porta da frente, saltando sobre relógios de sol, caminhos de tijolos e jardins coloridos; quando finalmente chegava à casa, derivava por um aclave lateral até um esplêndido grupo de vinhas, como se para esgotar o ímpeto da sua corrida. A fachada era vazada por uma fileira de portas-janelas que naquela hora brilhavam com os reflexos dourados e estavam escancaradas

para receber o vento da noite cálida. No alpendre, Tom Buchanan, em roupas de montaria, estava de pé com as pernas afastadas.

Ele havia mudado desde os anos de New Haven. Era agora um trintão robusto e de cabelo cor de palha, com uma boca muito dura e um jeito presunçoso. Dois olhos brilhantes e arrogantes tinham firmado seu domínio naquele rosto e o faziam parecer estar sempre inclinando-se agressivamente para a frente. Nem mesmo o estilo efeminado das suas roupas de montaria ocultava a enorme força daquele corpo – seus pés pareciam não deixar folga nas botas brilhantes e até pressioná-las na altura do laço, e podia-se ver um grande volume de músculos se deslocando quando seu ombro se movia sob o paletó fino. Era um corpo capaz de exercer uma enorme força – um corpo cruel.

Tom falava com uma voz de tenor rouca e grosseira, o que contribuía para a impressão de intratabilidade que ele transmitia. Havia nela um quê de desprezo condescendente, mesmo em relação às pessoas de quem ele gostava – e em New Haven alguns rapazes o odiavam.

“Mas não pense que minha opinião sobre essas questões é definitiva”, ele parecia dizer, “só porque sou mais forte e mais homem que você”. Perencíamos à mesma sociedade de alunos do quarto ano, e, embora nunca tivéssemos sido íntimos, eu sempre achara que, com a avidez ríspida e atrevida que lhe era própria, ele me estimava e queria que eu gostasse dele.

Conversamos por alguns minutos no alpendre ensolarado.

– Tenho uma casa agradável aqui – disse ele com os olhos inquietos faiscando de um lado para outro.

Enquanto me fazia virar tocando-me o braço, passeou pelo panorama diante de nós a mão larga e espalmada, numa varredura que incluía um jardim italiano rebaixado – meio acre de rosas de cores fortes e perfume

penetrante – e uma lancha com a proa pontuda e arrebitada que a maré de alto-mar fazia se mover aos solavancos.

– Pertencia a Demaine, o homem do petróleo. – Ele me fez tornar a virar, polida e abruptamente. – Vamos entrar.

Passamos por um corredor com pé-direito alto e entramos em um luminoso espaço cor-de-rosa que em uma das extremidades se ligava delicadamente à casa por portas-janelas. As portas-janelas estavam abertas, e sua pintura branca brilhava contra a grama fresca que parecia querer invadir a casa. Uma brisa penetrou na sala, agitou as cortinas para dentro em uma ponta e para fora na outra, como bandeiras claras, enroscou-as para cima em direção ao glacê de bolo de noiva no teto e, ao encrespá-las por fim sobre o tapete cor de vinho, fez nele uma sombra, como faz o vento no mar.

O único objeto totalmente estranho na sala era um sofá enorme onde duas mulheres jovens flutuavam como sobre um balão ancorado. Estavam ambas de branco, e seus vestidos ondulavam e se agitavam como se elas tivessem acabado de ser sopradas até ali depois de um breve voo pela casa. Devo ter me demorado ali um pouco, de pé, atento ao farfalhar das cortinas e ao queirume de um quadro na parede. Então houve um estrondo quando Tom Buchanan fechou as portas dos fundos, fazendo cessar o vento que havia na sala e levando as cortinas, os tapetes e as duas mulheres do balão a aterrissar lentamente.

A mais jovem eu não conhecia. Estava totalmente espichada na sua extremidade do divã, em absoluta imobilidade e com o queixo um pouco levantado, como se nele equilibrasse algo que tinha grande probabilidade de cair. Se ela me viu pelo canto do olho, não deu sinal disso – na verdade, eu quase me peguei murmurando um pedido de desculpa por tê-la perturbado entrando ali.

A outra jovem, Daisy, fez menção de se levantar – curvou ligeiramente o corpo para a frente com uma expressão conscienciosa – e então riu, uma risadinha absurda, encantadora, e eu ri também e avancei pela sala.

– Estou p-paralisada de felicidade.

Ela riu novamente, como se tivesse dito algo muito espirituoso, e prolongou um pouco nosso aperto de mãos, erguendo o olhar para o meu rosto, declarando que não havia no mundo ninguém que ela quisesse tanto ver. Era o jeito dela. Disse num murmúrio que o sobrenome da moça equilibrista era Baker. (Já haviam me dito que o murmúrio de Daisy era apenas para fazer as pessoas se inclinarem na sua direção; uma crítica nada pertinente, que não diminuía minimamente o seu encanto.)

De qualquer forma, os lábios da srta. Baker tremeram, ela meneou quase imperceptivelmente a cabeça para mim e depois voltou a tombá-la para trás – o objeto que estava sendo equilibrado havia obviamente oscilado um pouco, o que pareceu assustá-la. De novo chegou até os meus lábios um pedido de desculpa. As exibições de total autossuficiência quase sempre me inspiram uma pura e simples reverência.

Voltei a olhar para a minha prima, que começou a me fazer perguntas naquela voz baixa, cativante. Era o tipo de voz cujas modulações o ouvido acompanhava, como se cada fala fosse uma disposição de notas que nunca mais se repetiria. Seu rosto era triste e encantador, cheio de coisas brilhantes, olhos brilhantes e uma boca apaixonada e brilhante, mas havia na sua voz uma emoção difícil de ser esquecida pelos homens que tinham gostado dela: uma compulsão cantada, um “ouça” sussurrado, uma proclamação de que ela acabara de fazer coisas alegres, instigantes, e que coisas alegres, instigantes, estavam por acontecer na próxima hora.

Contei-lhe que na viagem para o Leste havia parado por um dia em Chicago e que uma dezena de pessoas lhe mandara lembranças por meu intermédio.

– Eles sentem a minha falta? – gritou ela em êxtase.

– A cidade inteira está desolada. Todos os carros têm a roda esquerda traseira pintada de preto como uma coroa fúnebre, e na margem norte do lago se ouve durante toda a noite um choro persistente.

– Que coisa formidável! Vamos voltar, Tom. Amanhã! – Então ela acrescentou, sem transição: – Você precisa ver a minha filha.

– Eu gostaria.

– Ela está dormindo. Tem três anos. Você não a conhece?

– Não.

– Ah, mas precisa conhecê-la. Ela...

Tom Buchanan, que estivera andando pela sala o tempo todo, se deteve e pôs a mão no meu ombro.

– O que é que você está fazendo, Nick?

– Trabalho com títulos.

– Com quem?

Eu lhe disse.

– Nunca ouvi falar nesse pessoal – declarou ele em tom categórico.

Isso me aborreceu.

– Vai ouvir – respondi concisamente. – Vai ouvir, se ficar no Leste.

– Ah, eu vou ficar no Leste, não se preocupe – disse ele olhando obliquamente para Daisy e de volta para mim, como se estivesse alerta para

alguma outra coisa. – Eu seria muito idiota se fosse morar em qualquer outro lugar.

Nesse ponto a srta. Baker disse: – Claro! – tão subitamente que eu me assustei – era a primeira palavra que ela pronunciava desde a minha chegada na sala. Sua surpresa foi igual à minha, isso ficou evidente, pois ela bocejou e, com uma série de movimentos rápidos e hábeis, se pôs de pé.

– Fiquei dura – queixou-se ela. – Estou nesse sofá há nem sei quanto tempo.

– Não olhe para mim – replicou Daisy –, tente levar você para Nova York durante toda a tarde.

– Não, obrigada – disse a srta. Baker para os quatro coquetéis que acabavam de entrar, vindos da despensa. – Estou definitivamente em treino.

Seu anfitrião olhou-a, incrédulo.

– Você! – Ele tragou sua bebida como se fosse uma gota no fundo de um copo. – Não posso imaginar como é que você consegue fazer alguma coisa.

Olhei para a srta. Baker, perguntando-me o que ela havia “conseguido fazer”. Gostei de olá-la. Tinha um corpo miúdo, seios pequenos e uma postura ereta que ela acentuava levando os ombros para trás, como um jovem cadete. Seu rosto era pálido, encantador e descontente, e nele os olhos cinza que o sol fazia se contraírem me olharam com uma educada curiosidade recíproca. Ocorreu-me nesse momento que eu já a havia visto ou vira uma foto dela em algum lugar.

– Você mora em West Egg – observou ela com menosprezo. – Conheço uma pessoa lá.

– Eu não conheço absolutamente...